

AS RAZÕES DOS OUTROS

Novamente me valho do artigo do último sábado de Marcio Tavares do Amaral, sempre sábio. Repudiar o ódio, sempre nocivo e nefando, e buscar o diálogo. Pois nesta busca, é importante ouvir e compreender as razões dos outros.

Eu consigo muito bem entender as razões dos Estados Unidos; Razões de Estado deles, sempre muito ciosos dos seus interesses nacionais e extremamente cuidadosos nas questões de segurança nacional deles.

Pois nesta perspectiva deles, uma aliança política, econômica (e militar), do Brasil com a Argentina e com a Venezuela, com a participação do Uruguai que não tem força física mas muita força moral; uma aliança como esta que visa claramente a libertação em relação ao domínio patriarcal deles, com uma componente de hostilidade aberta no caso da Venezuela; uma aliança destas, na qual o Brasil, o país maior, não abre hostilidade como a Venezuela mas tece autonomamente outras alianças, com inimigos claros como a Rússia e a China nos BRICS, e ainda com nações relativamente soberanas, como a França e a Suécia, para obter tecnologia militar avançada (o submarino nuclear e o caça de última geração); uma aliança como esta, na perspectiva da “national security” deles, gera riscos nada desprezíveis, e por isso precisa ser desfeita, desarticulada totalmente.

Ainda mais que o risco considerado envolve, também, a questão sempre crucial do suprimento de petróleo, negado pela Venezuela e pretensamente “!independente” no caso do Brasil.

Tem que ser desagregada: uma decisão que eles tomaram bem antes de 2014, de execução preparada com a atenção, a experiência e o cuidado que têm nestas questões. Claro que não se podia pensar no clássico golpe militar. Uma tentativa desastrosa ainda foi feita na Venezuela e acabou fortalecendo mais o inimigo Chavez. O caminho melhor, mais limpo, seria o das eleições. E, com efeito, o resultado foi excelente na Argentina e muito bom, ainda que pendente de complementação, na Venezuela. Não deu certo, entretanto, no Brasil. Apesar da operação lava-jato, desencadeada meses antes do início da campanha, com dados da espionagem feita sobre a Petrobras, apesar do grande impacto ampliado pela mídia controlada, que quase derrota o adversário, a Presidenta Dilma venceu, acabou se reelegendo.

Não era possível; não podia falhar o esquema de segurança. Era importante, então, partir pra o golpe não-militar, o golpe civil, “constitucional”, como haviam testado, com êxito, no Paraguai, que antes, com Lugo, estava também no esquema de independência.

E partiram decididamente: já estava no posto, estrategicamente, para o caso de necessidade, a Embaixadora que havia supervisionado o golpe paraguaio. Era preciso comprar políticos corruptos no Congresso, reforçar o esquema da mídia avassalada para levantar o clamor da classe média urbana, velha aliada, e, a novidade, era preciso costurar subrepticamente, sem que eles próprios percebessem, o Poder Judiciário.

CORREIO SATURNINO

Artigo nº 397/2016

Houve tempo em que assessores americanos prepararam nossos militares, oficiais e sargentos, para exercerem eficazmente a tortura no combate à guerrilha esquerdista. Com êxito. Da mesma forma, prepararam juízes nossos para usarem processos até então não utilizados aqui, como o uso e abuso da prisão preventiva para obter delações premiadas. Eficazes.

E logo após a eleição perdida para eles, iniciou-se a operação golpe. Ao fim de um ano de trabalho, no início de 2016, a operação estava praticamente vitoriosa; todas as peças bem colocadas, na presidência da Câmara, onde se iniciaria o processo, estava o aliado maior, o corrupto maior, e o golpe podia ser desencadeado com sucesso.

Eu consigo compreender inteiramente a razão dos outros. Só não consigo, bem, entender as dos nossos, os entreguistas. As da mídia e dos corruptos, sim, claro, é o dinheiro. As da classe média tradicional envolvem velhos sentimentos, velhas razões de classe, que demandam mais competência, que me falta.

O fascínio do consumismo, do padrão de vida americano que vem no cinema desde a infância; a formação e a especialização profissional feitas nas universidades americanas, a formação dos nossos oficiais militares, em estreita ligação com eles desde o combate lado a lado na Itália contra os alemães; a lembrança ainda viva dos tempos de ameaça comunista; e, enfim, o velho orgulho de classe culta que sabe mais do que o povo simples. Um amontoado de razões. Dá para compreender por alto. É mais difícil dialogar neste caso, por causa da questão nacional brasileira; porque a posição deles finda por submeter a Nação ao velho jugo. Mas eles aceitam bem este jugo, encaram-no como uma condução amiga e paternal, de quem tem mais força, sabedoria e competência para nos orientar e nos ensinar. E sobretudo, nos tirar de outros caminhos perigosos, orientais.

Enfim, a gente sabe, crescer é complicado, é difícil; muitos preferem ficar meninos para sempre.

Roberto Saturnino Braga

rsaturninobraga@gmail.com
www.saturninobraga.com.br